

J. P. PEIXOTO ▪ J. V. GONÇALVES ▪ A. A. MARQUES DE ALMEIDA ▪ J. T. OLIVEIRA ▪ J. P. OSÓRIO ▪ R. CARVALHO ▪ L. ALBUQUERQUE ▪ R. RODRIGUES
J. V. GOMES FERREIRA ▪ F. D. SANTOS ▪ A. J. ANDRADE DE GOUVEIA ▪ A. M. AMORIM DA COSTA ▪ B. J. HEROLD ▪ JOÃO L. L. C. OLIVEIRA CABRAL ▪ J. A. LEITÃO ▪ N. GRANDE ▪ J. C. DA COSTA ▪ A. RODRIGUES ▪ A. TORRES PEREIRA ▪ B. FERNANDES ▪ J. M. GIÃO T. RICO ▪ MILLER GUERRA ▪ M. PORTUGAL V. FERREIRA ▪ J. M. COTELO NEIVA ▪ A. RIBEIRO ▪ M. TELLES ANTUNES
F. C. GUERRA ▪ A. CORREIA ALVES ▪ F. CASTELO-BRANCO ▪ A. FERNANDES
A. R. PINTO DA SILVA ▪ C. M. L. BAETA NEVES ▪ A. X. CUNHA ▪ A. C. QUINTELA
SUZANNE DAVEAU ▪ ORLANDO RIBEIRO ▪ J. E. MENDES FERRÃO ▪ ILÍDIO AMARAL ▪ O. TEOTÓNIO DE ALMEIDA ▪ F. GUERRA ▪ ALLEN G. DEBUS
WILLIAM R. SHEA ▪ A. IRIA ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ M. JACINTO NUNES

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL

II VOLUME

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

LISBOA • 1986

THOMPSON, D. V., *The materials and Techniques of medieval painting*. Dover Publications, Inc., New York, N. Y. 1956.

TORRES, D. M., *Considerações acerca do coccus das laranjeiras e do fluido — oleoso — alkali — vegetal, que reduz e aniquila o mesmo insecto. Dedicadas, em signal de respeito e amizade ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Par do Reino Visconde da Praia, Ponta Delgada*, 1850.

VANDELLI, D., «Floræ, et Faunæ Lusitanica specimens», *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo I, desde 1780 até 1788, Lisboa, 1797.

VARNHAGEN, F. L. G. de, *Manual de instruções práticas sobre a sementeira, cultura e corte dos pinheiros, e conservação da madeira dos mesmos; indicando-se os methodos mais próprios para o clima de Portugal*. Na Typografia da Academia, Lisboa, 1836.

VELLOSO, J. M., *Tratado histórico, e fyzico das Abelhas, composto por Francisco de Faria e Aragão, Presbytero secular, publicado debaixo dos auspícios, e ordem de S. Alteza Real, o Príncipe Regente Nosso Senhor*. Lisboa, MDCCC.

VIEIRA, R., «Lista dos trabalhos sobre insectos do Arquipélago da Madeira», *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º VII, Art.º 19, pp. 63-77, Funchal, 1954.

VIEIRA, R. M. da S., CARMONA, M. M., PITA, M. de S., «Sobre as cochonilhas do Arquipélago da Madeira (Homoptera-Coccoidea)», *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, n.º XXXV, Art.º 153, pp. 81-162, Novembro, Funchal, 1983.

VITERBO, S., *Algumas achegas para a história da Tinturaria em Portugal. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa, 1902.

WOLLASTON, T. V., *Insecta Madeirensia: being an account of the insects of the island of Madeira groups*. London, 1854.

—, *Catalogue of the Coleopterous Insects of Madeira in the Collection of the British Museum*. London, 1857.

ZERKOWITZ, A., *The Lepidoptera of Portugal*. Separata do *Journal of the New York Entomological Society*, Vol. LIV, March, pp. 51-261, 1946.

A ANTROPOLOGIA FÍSICA EM PORTUGAL ATÉ AOS FINS DO SÉCULO XIX

ALBERTO XAVIER DA CUNHA *

SUMMARY

This paper records authors and their works and the main facts that brought about the study of Physical Anthropology in Portugal and its development up to the end of the XIX century.

The discovery of the mesolithic «Concheiros» in Muge and the first works on the subject (1865), the IX International Congress of Anthropology and Prehistoric Archeology (1880) and the installation of the University teaching of Anthropology (1885) at the then Faculty of Philosophy (now Faculty of Science and Technology), in Coimbra, by Professor Bernardino Machado (1851-1944), are the main facts.

The introduction of the discipline in the University of Coimbra proved to be of a decisive importance for the subsequent developments in the study of Anthropology. In spite of the fact that some of Professor Machado's disciples had moved to, and settled down, in Lisbon (e.g. A.A. Costa Ferreira), they proceeded with their works there, though guided by the methods they had learnt with him in Coimbra. Only as late as 1911 the situation changed, when the recently installed Republica regime set up two new Universities in the country (Lisbon and Oporto). Anthropology has been, and is, taught in both. However the spread of teaching gave naturally raise to new methodological approaches and different schools of investigation and techniques.

A Antropologia, como ciência organizada que forma um corpo de matérias e com métodos próprios é de data relativamente recente. As primeiras tentativas de estudos antropológicos não recuam além da

* Universidade do Minho, Departamento de Biologia.

segunda metade do século XVIII e as primeiras investigações indiscutivelmente antropológicas, dotadas de acentuado carácter científico, foram iniciadas nos meados do século XIX.

A data geralmente indicada para marcar o início da Ciência antropológica moderna é a de 1859, ano em que Broca funda a Sociedade de Antropologia de Paris, ainda hoje existente. Todavia já em 1832, no Museu de História Natural de Paris, se inaugurara a História Natural do Homem ou Antropologia. E a série brilhante de Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia pré-histórica iniciava-se em 1865, em Spezia, Itália.

Em Portugal a Antropologia física tem também os seus primórdios, as suas actividades verdadeiramente científicas e o início do seu ensino universitário, na segunda metade do século XIX, seguindo assim de perto o movimento científico de outros países europeus, sobretudo da França, cuja influência foi notória, não somente neste domínio, como ainda noutros domínios científicos.

Mas já anteriormente, desde o século XV, nós encontramos em autores portugueses referências e observações antropológicas, sob a influência das viagens e das descobertas dos nossos navegadores, sobretudo nos séculos XVII e XVIII. Observações isoladas de navegadores e de militares, trabalho de autodidactas e de amadores, visando nomeadamente o conhecimento das raças humanas, dos Antropóides e dos Símios, em particular da África, da Ásia e do Brasil.

Os Portugueses deram a conhecer ao mundo culto da época elementos e observações sobre várias populações africanas e do Novo Mundo, tais como os Hotentotes e os Cafres da África do Sul, os Malgaches de Madagascar, os Índios do Brasil e ainda da Ásia e da Oceania, os Papuas da Nova Guiné, os Aínos das ilhas Sacalinas, etc.

Citemos, como exemplos, o facto de ter sido um jesuíta português, o padre Luís Mariano que em 1613 estabeleceu a distinção entre os Lémures de Madagascar e os Símios dos continentes africano e asiático. E ainda o do notável médico e cientista português António Ribeiro Sanches (1699-1783) que comunicou a Buffon as suas observações sobre as raças humanas que foram incluídas no III tomo da sua História Natural, a páginas 383, e que receberam justos elogios deste grande Naturalista francês.

Buffon fala-nos de Ribeiro Sanches nestes termos: «homem distinto pelo seu mérito e pela vastidão dos seus conhecimentos, quis comu-

nicar-me por escrito as observações que havia feito nas suas viagens na Tartária».

O início da actividade científica, individualizada, da Antropologia física em Portugal data de 1857, ou mais exactamente, de 1865, data de uma das mais antigas, senão a mais antiga publicação científica de Antropologia em Portugal: um trabalho de Pereira da Costa de que falaremos adiante, sobre os esqueletos humanos que descobrira nos «concheiros» mesolíticos de Muge, no vale do Tejo. E assinalemos, desde já, a criação da cadeira de Antropologia, em 1885, há precisamente um século, data que marca o início do ensino oficial desta Ciência em Portugal.

Foi em 1857 que se fundou em Lisboa a *Comissão de Trabalhos Geológicos* que precedeu, de dois anos, a criação, em Paris, da *Société d'Anthropologie*; simultaneamente com a Comissão foi criado um *Museu Antropológico*. Este Museu encontra-se ainda nos *Serviços Geológicos* e nele se guarda um espólio de crânios e de outros restos esqueléticos humanos de grande valor.

A *Comissão de Trabalhos Geológicos* foi dirigida por Carlos Ribeiro (1813-1882) e dela faziam parte F. A. Pereira da Costa (1809-1889) e J. F. Nery Delgado (1835-1908). Os trabalhos da Comissão eram essencialmente de Geologia mas foram também realizados e publicados alguns trabalhos de Arqueologia Pré-histórica e de Paleoantropologia. Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado foram, incontestavelmente, os primeiros antropologistas portugueses ainda que autodidactas da Ciência antropológica. Com efeito, Carlos Ribeiro era oficial superior do Exército, tendo atingido a patente de General; Pereira da Costa era licenciado em Filosofia natural e em Medicina e Nery Delgado, engenheiro militar que atingiu também, como Carlos Ribeiro, a patente de General.

Datam desta época não somente a descoberta dos «concheiros» (kyoekenmoeddings) de Muge, mas ainda a descoberta de supostos instrumentos líticos talhados, do Terciário, atribuídos a um hipotético ser humano, o *Homo simius* Ribeiroi, designação dada por Mortillet em homenagem a Carlos Ribeiro.

O grande interesse despertado pela descoberta dos «concheiros» mesolíticos de Muge e os esforços da «Comissão» levaram à realização em Lisboa, em 1880, do IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia pré-histórica, acontecimento científico notável que teve

uma enorme influência, estimulando o estudo da jovem Ciência noutros centros do País, além do de Lisboa.

Como se pode ler nas *Actas* do Congresso, publicadas em Lisboa em 1884, na Typografia da Academia Real das Ciências, ele decorreu com a presença de numerosas notabilidades estrangeiras, tais como Virchow, que integrava a delegação alemã, Cantailac e Quatrefages, da França e Capellini da Itália, entre outros. Os congressistas portugueses foram em número próximo de uma centena.

Presidiu ao Congresso Andrade Corvo, escritor, professor e político, e Capellini e Mortillet foram presidentes honorários. Quatrefages foi vice-presidente honorário e Carlos Ribeiro secretário-geral.

Dissemos já que uma das mais antigas, se não a mais antiga publicação científica de Antropologia física em Portugal é a de Pereira da Costa, onde ele apresenta o estudo dos esqueletos humanos descobertos nos «concheiros» mesolíticos de Muge, no «concheiro» (kyoekenmoedding) do Cabeço da Arruda, em 1865: *Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo, 1.º opúsculo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Dois anos mais tarde, Nery Delgado estuda os crânios das grutas de Cesareda, por ele descobertos, e publica: *Notícia acerca das grutas de Cesarêda*. Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências.

Foi no entanto Paula e Oliveira (1851-1889) que continuou os estudos sobre os «concheiros» de Muge e as necrópoles dos arredores de Cascais e deve mesmo ser considerado como o verdadeiro iniciador da Antropologia física científica em Portugal.

Paula e Oliveira era oficial superior de artilharia, dedicou-se aos estudos de Antropologia e é autor dos trabalhos seguintes: *Note sur les ossements humains qui se trouvent dans le musée de la section géologique de Lisbonne*, 1880-1881; *Anthropologia prèhistórica: As raças dos kyoekenmoeddings de Muge*, 1881; *Les âges pré-historiques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886; *Note sur les ossements existants dans le musée de la Commission des Travaux Géologiques*, Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos, t. 2, fasc. 1.º, 1888; *Nouvelles fouilles faites dans les kyoekenmoeddings de la vallée du Tage* (memória póstuma), 1888; *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes* (memória póstuma), 1889; *Caracteres descritivos dos Crâneos de Cesarêda* (memória póstuma), 1889.

Desta mesma época dos precursores mencionaremos ainda F. Ferraz de Macedo (1845-1907), médico e antropologista que levou a cabo as primeiras investigações com métodos mais modernos, não só sobre o esqueleto, nomeadamente sobre o crânio, como também sobre o vivo. Ferraz de Macedo mediu e fez o estudo de cerca de 1000 crânios dos cemitérios de Lisboa, crânios identificados, que reuniu numa colecção que se encontrava na secção de Antropologia do *Museu Zoológico e Antropológico da Faculdade de Ciências de Lisboa (Museu Bocage)*. Esta colecção era conhecida sob a designação de *Colecção Ferraz de Macedo*. Infelizmente a colecção perdeu-se totalmente no violento incêndio que deflagrou naquele Museu e na Faculdade no dia 18 de Março de 1978.

Ferraz de Macedo organizou também as *Tábuas osteométricas* manuscritas, contendo os resultados das suas mensurações, que após a morte do autor foram igualmente confiadas ao *Museu Bocage*. Foi além disso um dos primeiros cultores da Antropologia criminal em Portugal. Alguns dos primeiros trabalhos publicados sobre este ramo da Antropologia aplicada são de Ferraz de Macedo: *Crime et criminels*, 1892 e *Bosquejos de Antropologia criminal*, 1900.

Citemos ainda S. Santana Marques, médico, discípulo e amigo de Ferraz de Macedo, cujo primeiro trabalho *Antropometria portuguesa*, 1899, realizado no vivo foi apresentado como dissertação inaugural e defendida perante a Escola Médica de Lisboa. A crítica não lhe foi muito favorável; Fonseca Cardoso termina uma recensão crítica na revista *Portugalia*, afirmando que do trabalho só se aproveitam as médias dos índices cefálico e nasal e ainda «a Antropologia não é positivamente um sport».

Santana Marques publicou ainda, mais tarde, os seguintes estudos: *Composição da população portuguesa*, 1909 e *Índice cefálico na área portuguesa*, 1909.

Fizemos já referência à criação do ensino oficial da Antropologia física em Coimbra, em 1858, na Faculdade de Filosofia, mais tarde Faculdade de Ciências e hoje Faculdade de Ciências e Tecnologia. É a Bernardino Machado (1851-1944), lente proprietário da 8.ª cadeira (Agricultura) da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra

e ao tempo deputado, que se deve a criação do ensino da Antropologia em Portugal.

Com efeito, é na Congregação da sua Faculdade, em 15 de Novembro de 1881, que é feita a proposta da: f) supressão da cadeira de Agricultura; g) substituição desta por outra aonde se professe — Anthropologia, Paleontologia humana e Archeologia prehistorica; h) nova distribuição das disciplinas que compreendem o curso geral da faculdade pelos respectivos cinco cursos da seguinte forma:

- 1.º anno — 1.ª Cadeira: Botanica — Algebra superior.
- 2.º anno — 2.ª Cadeira: Zoologia — Calculo diferencial, etc.
- 3.º anno — 3.ª Cadeira: Physica geral; 4.ª Cadeira: Chimica mineral, 1.º anno do curso de analyse.
- 4.º anno — 5.ª Cadeira: Physica molecular; 6.ª Cadeira: Chimica organica e biologia, 2.º anno do curso de analyse.
- 5.º anno — 7.ª Cadeira: Mineralogia e Geologia; 8.ª Cadeira: Antropologia, Paleontologia humana e Archeologia Prehistorica.

E na sessão legislativa de 8 de Junho de 1883, Bernardino Machado apresenta o projecto de lei à Câmara dos Deputados, do teor seguinte: «Quando a reforma pombalina creou a Faculdade de philosophia da Universidade, foi com comprehensão e com uma extensão que depois se alteraram. Logo com Brotero os estudos naturaes desenvolveram-se tanto, que romperam os laços que os uniam aos estudos racionais e moraes, e, equilibrando-se sobre si próprios, tomam sós a Faculdade toda. E, depois esse desenvolvimento esgota os recursos da experimentação ordinária, e vai até às applicações sem serem da sciencia pela sciencia, à agricultura, à ante de minas, procurar mais instrumentos de progressão. Tal foi a energia de que esteve animada a Faculdade de philosophia. Mas em seguida esmoreceu e não logrou levar a cabo a sua obra, dar independência ao seu aditamento profissional, diferenciá-lo de si, restaurando-se ella à sua pureza especulativa; e conserva-se num estado tumultuário, que deveria ter sido apenas passageiro.

Está claro que ninguém condemna o ensino profissional numa universidade. Profissional é o de Medicina, é o de Jurisprudência; por certo até conviria que em Coimbra houvesse sólidos estudos de Agricultura e de mineração, menos porém numa Faculdade de philosophia.

Estão-lhe assignados termos que lhe não é lícito ultrapassar. E que isto não pareça simples escrupulo léxico; às diversas expressões correspondem phenomenos heterogéneos. Aqui vemos nós que a Faculdade de philosophia mantém em si, subordinado à mesma denominação, o ensino profissional, não porque lhe pertença, mas porque, gerado della, ainda até hoje não pôde adquirir vida autonoma.

Nesta faculdade não ha meios senão de ler a industria agricola e a mineira; para as praticar, nenhuns.

Acabe-se, pois, com tal ensino, que nada aliás impede que se reorganize devidamente, quando as necessidades publicas o reclamem.

Eliminando da cadeira de mineralogia e geologia, o ensino da arte de minas, e supprimida a cadeira de agricultura, não faltará materia para as lições da primeira; só resta saber por que deverá substituir-se a outra.

A resposta não é duvidosa.

Entre o homem physico e o homem moral todos reconhecem co-relação, mas não se segue bem; a nossa ignorancia do systema nervoso separa os dois dominios. Esta separação deve uma Faculdade completa de philosophia em Faculdade de sciencias e em Faculdade de letras.

A nossa universidade não possui aquella; mas possui as Faculdades de mathematica e de philosophia, uma e outra philosophica, — os estudos de 1772 assim consideravam a de mathematica, posto que lhe não dessem esse nome —, e as duas reunidas perfazem uma Faculdade de sciencias.

A Faculdade de mathematica estende-se até onde o calculo chega, em toda a sua larguêsa; vai, pois, neste momento scientifico até ao ensino da physica chamada mathematica; a de philosophia natural tem de ir até onde possam alcançar a physica e chimica, isto é, hoje tem de ir té á fronteira do mundo moral.

Ora o mundo moral é principalmente o homem moral. Portanto a Faculdade de philosophia deve ensinar desde a physica até a anthropologia. Aqui então pára; além, no homem moral, começa a Faculdade de letras. Faculdade de sciencias e Faculdade de letras completam assim todo o estudo especulativo.

Falta, pois, á Faculdade de philosophia da universidade a cadeira de anthropologia; aproveite-se o ensejo de a collocar, em substituição á de agricultura.

Estas considerações levam-me ao seguinte projecto de lei, que tenho a honra de submeter á vossa esclarecida apreciação:

Projecto de Lei

Artigo 1.º — É suprimido na Faculdade de philosophia da Universidade o ensino da arte de minas e de agricultura, zootechnia e economia rural.

Artigo 2.º — O actual ensino da agricultura, zootechnia e economia rural será substituído na mesma cadeira pelo da anthropologia.

§ único — Ficará anexa à aula de anthropologia a secção do respectivo museu.

Artigo 3.º — Fica revogada a legislação em contrário».

Na mesma sessão é apresentado por Bernardino Machado o projecto de lei relativo aos estabelecimentos anexos sendo assim justificado pelo eminente professor:

«Senhores — Os estatutos universitários dispozeram que a intendência do Museu pertencia ao professor de historia natural, e assim devia ser, quando havia um único professor que a ensinava n'uma aula do segundo ano philosophico. Mas depois a faculdade de philosophia tem-se desenvolvido, e hoje a história natural é professada em trez cadeiras: de mineralogia, de botânica e de zoologia, e sel-o-ha de quatro, logo que o parlamento com a sanção régia legisle a criação na Universidade do ensino da anthropologia.

Hoje, pois, não há professor de história natural, mas professores, a cada um dos quais cumpre cuidar da secção respectiva do museu, e deveria pertencer a direcção delle para quem á responsabilidade correspondesse a authoridade.

É com este propósito que tenho a honra de vos submeter o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º — Deixará de haver direcção geral do museu da Faculdade de philosophia da Universidade por algum dos seus professores, e cada secção do museu será dirigida especialmente pelo professor da aula respectiva».

O projecto foi admitido e enviado à Comissão de Instrução Superior.

Finalmente a 2 de Julho de 1885 é promulgado o decreto que cria a cadeira de Antropologia, Paleontologia e Arqueologia Pré-histórica na Faculdade de Filosofia de Coimbra, em substituição da de Artes e de

Minas, Agricultura, Zootechnia e Economia rural que existia desde 1836, disciplinas técnicas, evidentemente deslocadas numa Faculdade de Ciências puras, bem como um Museu de História Natural, com o seu *Gabinete de Anthropologia* anexo à cadeira de Antropologia.

A 7 de Novembro o Conselho Escolar da Faculdade de Filosofia apresenta um voto de agradecimento ao professor Bernardino Machado pela cooperação na conversão em lei do projecto, substituindo naquela mesma Faculdade a cadeira de Agricultura pela de Antropologia.

Criada em Julho de 1885 a cadeira de Antropologia foi regida pela primeira vez no ano escolar 1885-1886, pelo professor substituto Henrique Teixeira Bastos (1861-1943). O programa compreendia as disciplinas: *Antropologia Zoológica*, *Antropologia Geral*, e *Arqueologia pré-histórica*. Na *Antropologia Zoológica* estudavam-se os Primates, em especial a craniometria, alguns caracteres fisiológicos e ainda a posição do Homem entre os Primates; na *Antropologia Geral* estudava-se a osteologia comparada do Homem, utilizando os instrumentos em voga na época para a determinação dos diâmetros, dos ângulos e o cálculo dos índices; na *Arqueologia pré-histórica* estudavam-se os utensílios, as indústrias, desde a idade da pedra às idades do bronze e do ferro.

Em Outubro de 1886 Bernardino Machado toma conta da regência da cadeira, ainda que com algumas interrupções devidas ao seu impedimento pelos cargos públicos que desempenhou, regendo-a até 16 de Abril de 1907, data em que pede a exoneração do cargo de lente catedrático da Faculdade de Filosofia em atitude de protesto contra a repressão governamental à greve estudantil, exoneração que lhe foi concedida a 25 do mesmo mês.

Após a implantação da República, é convidado em 5 de Maio de 1919 a reassumir a sua cátedra em Coimbra e é reintegrado a 5 de Novembro, pedindo de imediato a aposentação.

Bernardino Machado viria a ser demitido de professor aposentado (!) a 27 de Abril de 1931, quando, no exílio, se solidarizou com os revolucionários da Madeira, e só muito recentemente, a 4 de Outubro de 1983 foi reintegrado, a título póstumo, pelo então Ministro da Educação, Prof. José Augusto Seabra, por ocasião da Homenagem Nacional que lhe foi prestada em Vila Nova de Famalicão, por iniciativa da respectiva Câmara Municipal.

Os livros aconselhados e adoptados para o ensino da Antropologia eram, segundo o *Anuário da Universidade*: Topinard, *Manuel d'Anthro-*

pologie; Broca, *Instructions cranéologiques et craniométriques*; Mortillet, *La Préhistoire*.

Bernardino Machado estimulou vivamente os seus estudantes, e os trabalhos por eles realizados estão reunidos num volume de 320 páginas, publicado em 1904: *Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alunos*. Dele constam os seguintes trabalhos: *Notícia sobre uma série de craneos da ilha de Timor*, por J. G. Barros e Cunha, 1885; *Índices cefálicos dos portugueses*, por Álvaro Basto, 1897; *Anomalias da divisão craneana*, por José de Meneses, 1898; *Cranios portugueses*, por A. A. Costa Ferreira, 1898; *Modificação do goniómetro mandibular de Broca*, por João Salema, 1899; *Sobre o livro de Bertillon «Identification anthropométrique»*, por Souza Pinto, 1900; *Estudos sobre mandíbula*, do mesmo autor, 1901; *O ângulo biorbitário dos crânios portugueses*, por Cunha Lucas, 1901; *O índice nasal dos portugueses*, por Mascarenhas de Mello, 1901; *Sobre o índice orbitário dos portugueses*, por Nogueira de Oliveira, 1902; *Lei da assymetria que existe nos membros do homem*, por Silva Barreiro, 1904 e *Projecções orthogonais do craneo*, por Álvaro Machado, 1904.

A maior parte destes trabalhos é afectuosamente dedicada ao Mestre que os orientou e estimulou, numa justa homenagem. Da acção de Bernardino Machado, os seus sucessores E. Tamagnini e J. A. Serra, disseram: «Ele estimulou fortemente os estudos de Antropologia física e a série de trabalhos publicados nos *Trabalhos da Aula de Antropologia* testemunham um trabalho que pode ser classificado de invulgar entre as nossas actividades científicas de então. Este estudos versaram sobretudo a craniologia, e as séries, por vezes diminutas, tratadas segundo métodos estatísticos bastante simplificados».

E é a influência que conduziu a toda esta actividade que pode ser considerada a principal contribuição dada por Bernardino Machado à Antropologia portuguesa. Foi um grande professor que ensinou e orientou as investigações dos seus alunos, ainda que ele próprio não tenha subscrito qualquer trabalho científico de Antropologia.

A criação da cadeira de Antropologia em Coimbra foi decisiva para o desenvolvimento dos estudos antropológicos pois suscitou as condições necessárias ao seu ensino institucionalizado e além disso iria exercer a sua influência sobre o desenvolvimento da Antropologia física em Lisboa.

Alguns discípulos de Bernardino Machado, como por exemplo A. A. da Costa Ferreira, fixaram-se em Lisboa, e continuaram os seus estudos antropológicos segundo os métodos aprendidos em Coimbra.

Costa Ferreira (1879-1922), médico e antropologista, diria numa lição de abertura de um curso popular no Ateneu Comercial de Lisboa intitulada «O que é a Antropologia?»: «Em 1883, em plena sessão parlamentar, um deputado ilustre, espírito brilhantíssimo, estrela de primeira grandeza, e tão alta que de vários campos e regiões se avista — o Dr. Bernardino Machado, propunha a criação da cadeira de Antropologia na Universidade de Coimbra, cadeira que ele depois tão sabiamente regeu e onde eu não só aprendi a amar a Ciência mas também a amar o Mestre».

Outros contemporâneos de Bernardino Machado, referindo-se-lhe, afirmaram também: «(...) Como professor é inexcelável. A sua aula — a de Antropologia, no edifício do Museu de Coimbra, dá-a ele, dispensando a ostentação da cátedra, assentado com os seus discípulos à roda de uma larga mesa, como se fôra n'uma conversa entre amigos (...).

(...) Em nenhuma lição de Bernardino Machado deixou de haver um incentivo ao homem, um apelo ao espírito e ao coração, em favor da humanidade e da justiça (...).

(...) Aquilo não era sómente uma aula de Antropologia, era sobretudo, — e mesmo sob o ponto de vista antropológico — uma aula de moral, que sem dúvida no seu verdadeiro sentido, é a suprema ciência (...).

Dissemos já que pelo mesmo Decreto de Julho de 1885 foi criado também um *Gabinete de Antropologia* anexo à cadeira e instalado numa das secções do edifício dos Museus, na época denominado *Museu Pombalino de História Natural*. Este Museu Pombalino de História Natural deu assim origem ao actual Museu e Laboratório Antropológico, ao Museu Botânico e aos Museus de Mineralogia e Geologia, e ao Museu Zoológico. O *Gabinete*, que Bernardino Machado, alguns anos depois, em 1890, viria a organizar e desenvolver, continha várias colecções antigas de armas africanas, muitos objectos variados enviados de Macau, e uma série considerável de crânios de Timor. Havia também modelos de crânios e uma importante colecção de crânios recolhidos de túmulos da Catedral de Coimbra. Durante a direcção do Dr. H. Teixeira Bastos fez-se a aquisição dos primeiros instrumentos antropométricos, de uma colecção de Antropóides e de alguns símios, importantes para o ensino.

A partir de 1894 o seu acervo etnológico registou um crescimento notório pois nele foi integrada uma parte importante das colecções africanas que tinham figurado na «Exposição Insular e Colonial Portuguesa» que nesse ano teve lugar no Palácio de Cristal Portuense. Era o

esboço do actual Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

Deve-se ainda ao Prof. Bernardino Machado o Decreto de 23 de Dezembro de 1893 que criou o *Museu Etnográfico Português*, em Lisboa, que por Decreto de 26 de Junho de 1897 viria a chamar-se *Museu Etnológico Português*, com uma secção de Antropologia Portuguesa.

Diz-se naquele Decreto que o Museu deveria ser, em parte, como que um prolongamento do *Museu de Antropologia*, instalado na *Comissão dos Trabalhos Geológicos*.

Assim acabavam de ser criados dois centros de interesse para os estudos antropológicos, um em Lisboa, o outro em Coimbra.

No Porto organiza-se em 1887 a *Sociedade Carlos Ribeiro*, graças ao entusiasmo de alguns cultores da jovem Ciência e no seu programa incluíam-se também estudos de Antropologia. Dentro os entusiastas antropologistas destacam-se Ricardo Severo e Fonseca Cardoso. A *Sociedade Carlos Ribeiro* editou de 1889 a 1898 uma Revista da qual se publicaram cinco volumes que contêm fraca contribuição antropológica.

Em contrapartido a revista *Portugalia* que se publicou entre 1888 e 1908, teve maior interesse, tendo-se publicado apenas dois tomos. Os seus fundadores foram os já mencionados Ricardo Severo, Fonseca Cardoso e Rocha Peixoto. Os mais importantes estudos antropológicos publicados nesta revista são da sua autoria.

De Fonseca Cardoso: *O Minhoto d'entre Cávado e Âncora*, 1898; *O poveiro. Estudo de Antropologia dos pescadores de Póvoa do Varzim*, 1905; *Antropologia portuguesa*, 1908. Do mesmo autor, com a colaboração de Ricardo Severo: *Nota sobre uma estação chelense do vale de Alcântara*, 1894; *O ossuário da freguesia de Ferreiro*, 1899; *Nota sobre os restos humanos da caverna neolítica dos Alqueves*, 1888; *Observações sobre os restos humanos da necrópole de Nossa Senhora do Desterro*, 1899.

Também Fonseca Cardoso, além dos trabalhos tradicionais desta época, sobre osteologia de populações pré-históricas, ocupou-se ainda da Antropologia no vivo. É notável o seu estudo intitulado *Antropologia portuguesa*. Ele estuda, em extensas séries, os principais caracteres descritivos e antropométricos, tais como o *índice cefálico*, o *índice nasal*, a *estatura*, etc. Neste estudo o autor pretende deduzir os supostos elementos étnicos que contribuem para a formação da população portuguesa actual, que classificou como «raça ibero-insular» de Deniker. Termina afirmando «que esta população ibero-insular, neste canto da

Península, virado ao Atlântico, distingue-se pelos seus caracteres somáticos, como a mais dolicocefala e homogénea da Europa».

De A. A. da Rocha Peixoto, formado na antiga Escola Politécnica do Porto, naturalista, escritor e jornalista, sócio da Academia das Ciências, ficou-nos apenas, sobre Antropologia, o estudo *A Antropometria no Exército*, 1897.

Assim no Porto, assistimos nesta época a um apreciável desenvolvimento da Antropologia criminal. O *Hospital Conde Ferreira* possuía já em 1885 um Laboratório de Antropologia, o primeiro naquela cidade. Exactamente na data da criação em Coimbra do ensino desta Ciência.

A. Ferreira Augusto (1851-1907) cria no Porto o *Posto Anthropométrico* e publica: *Postos Anthropométricos*, 1902. Os postos antropométricos (serviços antropométricos) do Porto e de Lisboa foram criados em 1889 e o de Coimbra só em 1911, anexo ao *Gabinete de Antropologia*. Estes postos contribuíam com elementos e trabalhos de certo valor para o progresso da Antropologia física.

Mas regressemos a Lisboa no fim do século. Em 1887, Alfredo Luís Lopes, médico e publicista edita os seus *Estudos de Antropologia Criminal*. E, além dos precursores já citados mencionaremos ainda J. P. Oliveira Martins, com os seus *Elementos de Antropologia (História Natural do Homem)*, 1880 e Eduardo Burnay (1853-1924), professor de Zoologia na Escola Politécnica de Lisboa e autor de: *Da craniologia como base da classificação antropológica*, 1880.

Um primeiro estudo sobre a população açoriana, ilha de S. Miguel, deve-se a F. de Arruda Furtado (1854-1887), biólogo e investigador: *Materiais para o estudo anthropologico do povo açoreano. (Observações sobre o povo micalense)*, 1884.

Mas é A. A. da Costa-Ferreira (1879-1922) que desenvolverá em Lisboa uma vasta actividade antropológica. Discípulo de Bernardino Machado em Coimbra, fixou-se em Lisboa e aí exerceu uma brilhante actividade como discípulo e continuador de Ferraz de Macedo.

Costa Ferreira foi médico, antropologista, professor e pedagogo, tendo deixado uma vasta obra como investigador.

*

A maior parte dos trabalhos realizados nos fins do século XIX ocupava-se principalmente de osteometria, preferentemente de craniologia, ao gosto da época, muitas vezes apenas de carácter descritivo,

sobre temas de Antropologia portuguesa, por vezes de aspecto regional. Versaram alguns ainda a Antropologia no vivo, e o estudo de populações recentes.

Só neste século, após a redescoberta, em 1900, das Leis de Mendel, com o advento da Genética e a introdução de métodos estatísticos adequados, a Antropologia tomou novo rumo, com aspectos quantitativos e abrangendo agora também estudos fisiológicos e genéticos.

Alguns autores, em certos países e também entre nós, adoptam a designação de *Antropobiologia*, substituindo a de *Antropologia física*.

Concluindo, verificamos que no final do século XIX temos apenas uma escola de Antropologia, a de Coimbra, com Bernardino Machado, e ensino institucionalizado na Faculdade de Filosofia.

Em Lisboa e Porto, só em 1911, após o advento da República, com a criação das novas Universidades de Lisboa e Porto é finalmente criado o ensino da Antropologia nas Faculdades de Ciências, e surgem novas escolas, sobretudo no Porto, com o eminente professor Mendes Correia (1888-1959).

BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, A. Ferreira, *Postos Antropométricos*, Tip. Universal, Porto, 1902.
- BURNAY, E., *Da craneologia como base da classificação antropológica*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1880.
- CARDOSO, A. da Fonseca, «Nota sobre uma estação cheleana no vale de Alcântara», *Rev. de Sciênc. Naturais e Sociais*, 3 (9): 10-21, Porto, 1895.
- , «O Minhoto d'entre Cávado e Âncora», *Portugalia*, 1: 23-56, Porto, 1898.
- , «O Poveiro. Estudo de Antropologia dos pescadores da Póvoa de Varzim», *Portugalia*, 2: 517-539, Porto, 1905-1908.
- , «Antropologia portuguesa», in *Notas sobre Portugal*, 1: 57-71, Lisboa, 1908.
- CARDOSO, A. da Fonseca; SEVERO, R., «O ossuário da freguesia de Ferreiro», *Portugalia*, 1: 177-200, Porto, 1899-1903.
- , «Nota sobre os restos humanos da caverna neolítica dos Alqueves», *Portugalia*, 1: 338-340, Porto, 1899-1903.
- , «Observações sobre os restos humanos da necrópole de Nossa Senhora do Desterro», *Portugalia*, 1: 598-599, Porto, 1899-1903.
- COSTA, F. A. Pereira da, *Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo, 1.º opúsculo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no cabeço da Arruda*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1865.
- , *Monumentos pré-históricos. Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*. Typografia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1868.
- CUNHA, A. X. da, «Contribution à l'Histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal», *Contr. Est. da Antrop. Portuguesa*, 11 (1): 1-56, 1982.
- CUNHA, Fanny, A. Font X. da, «Reintegrar Bernardino Machado na Universidade de Coimbra», *Jornal de Notícias*, 96 (50): 29, Porto, 1983.
- DELGADO, J. F. Nery, *Notícia acerca das grutas de Cesareda*, Typ. da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1867.
- , «La grotte de Furninha à Peniche», *Actas da 9.ª sessão do Congresso Internacional de Anthropol. et Arq. Pré-histórica*, 1: 207-278, Lisboa, 1884.

- FERREIRA, A. A. da Costa, «Sur la capacité des crânes portugais», *Comptes Rendus de la XII^{ème} session du Congrès International d'Anthrop. et d'Arch. Pré-historique*, 1900, 1: 474-475, Paris, 1902.
- , «O que é a Anthropologia?», *Boletim da Soc. de Geografia de Lisboa*, 34.^a Série: 357-367, 1916.
- FURTADO, C. de Arruda, *Materiais para o estudo anthropológico do povo Açoreano. (Observações sobre o povo micalense)*, Ponta Delgada, 1884.
- LOPES, A Luis, *Estudos de Antropologia Criminal*, Lisboa, 1894.
- MACEDO, F. Ferraz de, *O homem quaternário e as civilizações pré-históricas na América*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1882.
- , *Crime et criminels*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1892.
- , *Bosquejos de Anthropologia criminal*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1900.
- MARQUES, A. H. de Oliveira; COSTA, F. M. da, *Bernardino Machado*, Ed. Montanha, Lisboa, 1978.
- MARQUES, S. de Santana, *Estudo de Antropometria Portuguesa*, Typ. Minerva Central, Lisboa, 1899.
- , «Materiais para o estudo anthropologico do povo português», *O Instituto*, 56: 1-14, Coimbra, 1909.
- , «Índice cephálico na área portuguesa», *O Instituto*, 56: 145-157, 273-283, Coimbra, 1909.
- , «Composição da população portuguesa», *O Instituto*, 56: 337-348, Coimbra, 1909.
- , «Evolução histórica do índice cephálico em Portugal», *O Instituto*, 56: 417-426, Coimbra, 1909.
- MARTINS, J. P. Oliveira, *Elementos de Anthropologia (História Natural do homem)*, Livraria de António Maria Pereira, Lisboa, 1880.
- OLIVEIRA, F. Paula e, «Notes sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des travaux géologiques», *Com. Trab. Geológicos de Portugal*, 2: 1-13, Lisboa, 1888.
- , «Nouvelles fouilles faites dans les kyoeckenmoeddings de la vallée du Tage (mémoire posthume)», *Com. Trab. Geológicos de Portugal*, 2: 57-81, Lisboa, 1888.

- OLIVEIRA, F. Paula e, «Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes (mémoire posthume)», *Com. Trab. Geológicos de Portugal*, 2: 82-108, Lisboa, 1889.
- , «Caracteres descriptivos dos crâneos de Cesareda (memória póstuma)», *Com. Trab. Geológicos de Portugal*, 2: 109-118, Lisboa, 1889.
- PEIXOTO, A. A. Rocha, «A Antropometria no Exército», *Rev. de Ciências Naturais e Sociais*, 5 (17): 43-49, Porto, 1897.
- RIBEIRO, Carlos, «L'Homme tertiaire en Portugal», *Actas da 9.^a sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica*, 1: 81-118, Lisboa, 1884.
- SEVERO, Ricardo; CARDOSO, A. da Fonseca, «O ossuário da freguesia de Ferreira», *Portugalia*, 1: 177-200, Porto, 1899-1903.
- , «Observações sobre os restos humanos da necrópole de Nossa Senhora do Desterro», *Portugalia*, 2: 598-599, Porto, 1899-1903.
- TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A., *Subsídios para a história da Antropologia portuguesa*, Bertrand (Irmãos), Lda., Coimbra, 1942.
- VASCONCELLOS, J. Leite de, «A Antropologia portuguesa como fonte de investigação etnográfica», *Boletim de Etnografia*, 4: 1-58, Lisboa, 1929.